

ESGTECH: FINTECH RELACIONADO A ASPECTOS SOCIAIS, AMBIENTAIS OU DE GOVERNANÇA

INFORME SETORIAL

As startups que ajudam a pôr de pé projetos sustentáveis

Startups ajudam a colocar em prática projetos com propósito, sustentabilidade e rastreabilidade

O Estado de S. Paulo.

Algumas abrem a possibilidade de crédito a grupos minoritários. Outras ajudam a preservar o ambiente por meio de soluções inovadoras. E há as que se dedicam a atestar a legitimidade dos compromissos com as iniciativas ambientais, sociais e de governança corporativa. As Esgtechs crescem no País e chamando atenção no movimentado ecossistema das fintechs, que, depois de se consolidarem como competidoras dos “bancões” no acesso a crédito, também passaram a oferecer serviços para ajudar pessoas e empresas a aplicarem práticas responsáveis, sustentáveis e de impacto social.

O burburinho em torno das fintechs começou em 2015, quando o mercado passou a classificar dessa forma as startups voltadas para soluções financeiras, segundo Fábio Gonzalez, cofundador da Fintechlab, um hub de conexão e fomento do setor. O Brasil já é o maior da América Latina e o 14º no mundo, de acordo com relatório 2021 Global Fintech Rankings, feito pelo instituto Findexable em parceria com a startup alemã Mambu.

De lá para cá, foram surgindo nichos diferentes de atuação, com soluções que

englobam de crédito a saúde e educação, por exemplo. Para ser considerada uma Esgtech, a empresa precisa, como as demais fintechs, prestar um serviço inovador, a partir de um modelo de negócios baseado em tecnologia, e dedicar-se a um problema real. Neste caso, relacionado a aspectos sociais, ambientais ou de governança. “Apenas ter uma agenda ESG não significa que a empresa é uma Esgtech”, lembra Gonzalez.

CEO e cofundador da Distrito, um hub de inovação, Gustavo Araújo destaca a importância de a solução apresentada ter potencial escalável, além de base tecnológica. Para ele, já é possível identificar as principais tendências entre as Esgtech, com áreas mais promissoras. “São sistemas de gestão para mensuração do impacto das empresas, startups relacionadas a energia limpa e renovável, as que atuam no mercado de carbono, as de economia circular e as startups de educação de impacto”, afirma Araújo.

Dados do relatório Distrito Fintech Report de 2021 apontam a existência de 1.158 fintechs atualmente no País, que receberam investimentos de US\$ 3,5 bilhões neste ano até novembro. O Brasil possui quatro das cinco fintechs unicórnio da América Latina. Considerando o foco em políticas ambientais, sociais e de governança, a Distrito registra 740 startups com soluções ESG no Brasil – 70%, ou 518 empresas, têm foco na sigla S do ESG, com serviços de impacto social.

Outro mapeamento, feito pela Associação Brasileira de Fintechs (Abfintechs) em conjunto com o Laboratório de Inovação Financeiro (LAB), mostra que já existem cerca de 30 fintechs ESG. Número que deve crescer, segundo especialistas.

Trabalhando no aspecto social da sigla, na área S, há Esgtechs voltadas a grupos sub-representados, como afroempreendedorismo, comunidade LGBTQIA+ e liderança feminina, segundo Diego Perez, presidente da Abfintechs.

“Há muitos grupos que não são atendidos propriamente ou que são invisíveis para o mercado, porém têm muito a oferecer”, afirma Perez. “São pessoas que consomem, viajam, trabalham, pagam seus impostos, enfim, têm suas finanças pessoais, mas passam despercebidas por instituições financeiras tradicionais.”

Algumas dessas fintechs nasceram da própria vivência com a agenda ESG. A Conta Black surgiu em 2019, quando seu fundador, Sérgio All, teve aprovação de crédito negada em um banco tradicional, na época em que atuava na área de publicidade e queria adquirir novos equipamentos para sua empresa. Decidiu, então, oferecer serviços financeiros para pessoas negras. “A ideia é subverter a lógica dos bancos tradicionais, que costumam incentivar o endividamento”, diz.

Naquele mesmo ano nascia, em São Paulo, a agência de viagens Brafrika, dedicada a pacotes de afro turismo, cujos roteiros incluem aspectos importantes para pessoas negras. A Esgtech foi montada por Beatriz Souza com recursos iniciais próprios, algo que a empresária sabe ser um “ponto fora da curva” no afro empreendedorismo no Brasil. Segundo pesquisa feita pelo Sebrae e FGV, em maio deste ano, os empreendedores negros – pretos e pardos – têm crédito aprovado em apenas 44% das solicitações, porcentual que chega a 57% no caso dos brancos.

Por conhecer esse cenário, Beatriz optou por usar na empresa os serviços de transações financeiras, pagamentos e emissão de boletos da Conta Black, um app de conta digital. “É uma escolha pelo fortalecimento da cadeia de afro empreendedores. Apresentar projetos para uma fintech que já pauta raça e negritude é mais fácil”, compara. Entre os clientes da Conta Black, 74% são negros e 57%, mulheres. Além do portfólio S da porta para fora, seus diretores afirmam que da porta para dentro a fintech coloca a sigla completa em prática, com um relatório de compromissos ESG para os próximos cinco anos, feito em parceria com a SAP Brasil.

Há no Brasil hoje 1.158 fintechs, que receberam investimentos de US\$ 3,5 bilhões até novembro deste ano.

Núcleo de Inteligência – Sedet

Edição 327 - Em 28 de dezembro de 2021

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.